

Inscrições béticas inéditas provenientes de Vindolanda

PEDRO PAULO A. FUNARI
Departamento de História
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Este artigo trata de três inscrições latinas encontradas em escavações recentes em Vindolanda, Inglaterra. As três epígrafes em ânforas oleárias béticas de tipo Dressel 20 incluem um selo e dois *tituli picti*. Cada inscrição é estudada em detalhe e conclui-se com a apresentação das principais informações novas que estes *tituli* fornecem aos estudiosos.

PALAVRAS-CHAVE: epigrafia latina, ânforas romanas, Principado.

Introdução

O Diretor das escavações arqueológicas em Vindolanda, Robin Birley, submeteu ao autor três inscrições encontradas em junho e julho de 1993 no sítio (Chesterholm, Northumberland, Forte Romano fundado por Agrícola). Vindolanda tem sido escavada, há muitos anos, e é, atualmente, bastante conhecida por suas tabuinhas singulares, usadas para escrita quotidiana no quartel (Bowman & Thomas, 1983; Birley, Birley & Birley, 1993). As condições ambientais nos níveis mais antigos de Vindolanda são ideais para a preservação não apenas de tabuinhas como, também, das inscrições pintadas em ânforas. *Tituli picti* em ânforas romanas, ainda que provavelmente muito comuns na Antiguidade, não são fáceis de serem encontradas pelos arqueólogos. As ânforas Dressel 20, usadas para o transporte do azeite produzido na Província Romana da Bética (hoje, Andaluzia, entre Sevilha e Córdoba), foram produzidas por mais de dois séculos, do início do Principado até 259 d.C. Exportadas para todo o mundo romano, são consideradas o tipo anfórico mais frequentemente com inscrições (Rodríguez-Almeida, 1984): talvez metade delas tivessem selos e/ou *tituli picti*. As Dressel 20 são as mais importantes ânforas encontradas na Inglaterra, tanto em termos de números de exemplares como de evidências epigráficas produzidas. Vindolanda constitui-se uma fonte particularmente rica de novas inscrições. Quando publiquei quatro *tituli picti* descobertos até 1989 (Funari, 1991), chamava a atenção que constituíam evidências

únicas da epigrafia anfórica de tipo Dressel 20 para um período de outra maneira com muito pouco material datado (fins do primeiro século e início do segundo século d.C.). As três novas inscrições permitem, novamente, estudar a epigrafia produzida em período pré-Antonino.

As seguintes abreviaturas são usadas no catálogo:

LA = Local de achado.

LC = Local de conservação.

VAT = Vindolanda Archaeological Trust (os números que seguem a abreviatura referem-se ao inventário da peça).

CALL = M. Callender, *Roman Amphorae*. Oxford, Oxford University Press, 1965. Os números referem-se ao catálogo de selos.

CIL XV,2 = H. Dressel, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol.XV,2 (os números referem-se ao catálogo de inscrições).

Ponsich = M. Ponsich, *Implantation rurale antique sur le Bas-Guadalquivir*, vol. II, Paris, De Boccard, 1979. Os números referem-se ao volume, página e número do sítio no catálogo.

As olarias produtoras das ânforas estão localizadas no mapa (Figura nº 1).

SELO

PLFMAR (Figura nº 2)

Inédito, sem paralelos.

Cf. Call. 1002,1023; CIL XV,2, 2612,3395; Ponsich 2,3,n.13.

LA: Vindolanda.

LC: VAT (no. 6249).

Tamanho: 2.2 x 1.9 polegadas romanas.

Data: período IV = 104-c.120 d.C.

Figlina: Mingaobez (número 55, no mapa).

Conuentus: Corduba.

Leitura: PL(acidi) F(iglina) MAR(sianensis)

Em Mingaobez, Ponsich (1979, p.155) achou diversos selos MARSIANENSIS. Esta olaria era ainda conhecida como *marsianensis* em 212-222 d.C., considerando-se que Dressel encontrou dois selos M.AT DE FICLINAS MARSIA(nenses) no Testaccio, *forma littera H*. Nenhum outro selo Marsianensis foi datado. Ponsich encontrou, também, selos M.EM.PLACIDI, em Mingaobez e Dressel publicou um deles em CIL XV,2,1002, sem datação. Este é a primeira vez que o nome da olaria é encontrado, em um mesmo selo, com Placidus. O fato que PL estão escritos ligados neste selo de Vindolanda e nos selos de Mingaobez reforça a suposição de que a mesma pessoa está representada nos selos. Em Dehesa de Arriba (número 54 no mapa, Figura nº 1), na margem norte do Rio Guadalquivir, havia, também, selos M.AEM.PLACIDI e podemos supor que este produtor de azeite usava, às vezes, ânforas produzidas no lado oposto do rio. No momento, ainda é impossível saber se o *fundus* de propriedade de Placidus localizava-se na margem sul ou norte do Rio Baetis (ou se tinha propriedades de ambos os lados). É interessante notar, de qualquer forma, que usava duas olarias diferentes, Trebeciano ao norte e Marsianensis ao sul. Como o escavador encontrou-o associado ao nível IV, datado de 104-c.120 d.C., esta poderia ser, também, a data dos selos já conhecidos M.AEM.PLACIDI. Esta olaria permaneceu com o mesmo nome

marsianensis (ou no plural *marsianenses*) por um longo período de tempo (104/120 a 212-222 d.C.). Este é o segundo selo proveniente do *couentus cordubensis* encontrado em Vindolanda (o outro é Q.S.P.; Funari, 1991, p.67).

Inscrições Pintadas

A classificação dos *tituli picti* nas ânforas (como *alpha*, *beta*, *gamma*, *delta*) segue a convenção proposta por Heinrich Dressel em CIL XV,2, p.560-5; cf. Dressel, 1978, p. 223-38; Peacock & Williams, 1986, p.13-4.

1. Beta: C SEMPRONI SEMPRO < niani? >

Gamma: CCIII... (Figuras nºs 3 e 4)

Inédito.

LA: Vindolanda.

LC: VAT (SF6282).

Tamanho: segundo o escavador, texto = 90mm x 36mm (3.8 x 1.6 polegadas romanas), numeral = 90mm x 25mm (3.8 x 1.0 polegadas romanas).

Data: período V = 120-140 d.C.

Esta é a primeira referência ao *mercator* Caius Sempronius Sempronianus. Os outros *tituli* referentes aos Sempronii são TI ou M SEMPRONI LIVIANI (CIL XV,2, 4000, sem data), SEMPRONIORVM LIVIANI ET AGATHONIS? (Rodríguez-Almeida, 1984, p.230, datado de c. 149 d.C.), SEMPRONIORVM (CIL XV,2, 4001, sem data). Graças ao uso de um programa visual, foi possível escanear as fotos e concluir que minha leitura original do *cognomen* Simplex estava errada e que o nome mais provável do comerciante é Sempronianus. Certas letras são muito claras e algumas delas permitem-nos datar mais precisamente a epígrafe no interior do período 120-140 d.C. A letra *e* é o melhor caso: sua forma é mais semelhante a uma inscrição datada de finais do primeiro século d.C. (Funari, 1991, pp.70-71) do que dos *tituli* normais de meados do segundo século (Rodríguez-Almeida, 1972, pp.204,206,208, CIL XV,2, 3763, 3922, entre outros exemplos; Figura número 5). Todas as outras letras, entretanto, são mais semelhantes às inscrições antoninas, como o *c* em CIL XV,2,3759 (c. 160 d.C.), e o *l* em CIL XV,2, 3755 (cf. CIL XV,2, 3762, 3763; Figura número 5). O número CCIII... está escrito com uma separação muito clara de cada letra, em oposição frontal às *contignationes* de regra em época antonina (cf. CIL XV,2, 3703, 3785, 3810, entre outros exemplos; Figura nº 5). Por estas razões paleográficas, dataria a ânfora mais perto do início do que do fim do período 120-140 d.C.

2. Delta: ..Cord.. x p xccl(?)

n(?)..ci..aa ccxii..

r acp aug

.....o..ma

(Figura nº 6)

LA: Vindolanda.

LC: VAT (no. 6248).

Data: período IV = 104-c.120 d.C.

Este é uma inscrição de controle interessante (*titulus delta*), mas infelizmente as letras não são claramente visíveis, *litterae euanescentes lectuque difficillimae*, para usar as palavras de Dressel (CIL XV,2, 4456). Minha leitura original era *..px/a...aa ccxii.../r acp astig(?)/ ...ma*. Contudo, graças ao escaneamento da fotografia e aos comentários do Professor José Remesal, foi possível reinterpretar todo o *titulus delta*. A primeira linha começa com uma referência à capital do *conuentus cordubensis*, seguida de *x p(ondo) xccl(?)* (cf. CIL XV,2, 3806: *astig p uii ccx*). Neste caso, o ato de *ponderator* poderia referir-se, também, à segunda linha, significando *p(ondo) ccxii...* "Confirmo o peso do azeite na ânfora: 212 libras romanas". O uso de dois números, um referindo-se ao peso do azeite e o outro a algo que não sabemos, é muito comum (cf. CIL XV,2, 3810). Na segunda linha, há algumas letras que não são visíveis, mas é possível supor que a presença de *ci* ou *ti* seguida por dois grandes *a* refira-se a um nome no genitivo. Estas letras *a* estão como uma abreviatura de *arca*, uma agência de controle. Normalmente, quando usadas desta maneira, as letras recebem *apices*. O mais antigo exemplo desta prática, até o momento, provém de Vindolanda (Funari, 1991, p.70-71), de antes de 95 d.C. Nesta inscrição, entretanto, não é possível estar seguro se o traço no topo da segunda letra *a* faz parte do *x* da primeira linha. É possível que o escritor não tenha colocado um traço sobre o primeiro *a*, como seria normal, porque tenha sido enganado pelo traço de seu *x*, na medida em que servia para marcar o segundo *a*. Esta sigla era, algumas vezes, usada depois de um nome no genitivo or após um adjetivo terminado em *-num* ou *-ese*. É possível, portanto, interpretar a letra antes dela como um *i*, indicando o final de um nome no genitivo. A sigla *arca* podia ser acompanhada do peso do azeite em libras romanas (por exemplo, CIL XV,2, 4221: *aaa clxxxiii*, de 149 d.C.).

A terceira linha começa com um R cortado por um traço. Esta é uma abreviatura comum, usada nestas ânforas desde, ao menos, o período antonino. A sigla R é semelhante a exemplos provenientes do *conuentus cordubensis*, como CIL XV,2, 4052 e 4352 (cf. 4466; Figura número 5). Encontra-se, em geral, no início de uma linha e Dressel interpretou-a como *r(eceptum)* ou *r(ecognitum)*, "recebido" ou "reconhecido" (in CIL XV,2, p. 562). Rodríguez-Almeida (1984, p.208-9), ainda que reconhecesse só encontrarmos o seu uso a partir dos Antoninos, em especial graças ao material do Testaccio, em Roma, propunha que, talvez, um *titulus* datado do ano 71 d.C. contivesse a sigla R (*non posso dire se in un'epoca cosi precoce l'anfora avesse già anche la sigla R*, "não posso dizer se, em uma época tão antiga, a ânfora tivesse já, também, a sigla R"). O único outro *titulus delta* datado depois de 71 d.C. e antes de 140 d.C., encontrado em Vindolanda e, contextualmente, datado antes de 95 d.C. (Funari, 1991, p. 70-1), não possui a sigla R (embora possua a mais antiga referência à abreviatura de *arca*). Isto significa que este exemplo do uso da sigla R, em uma peça de época pré-antonina, constitui a mais antiga evidência do seu uso (antes de 120 d.C., segundo Birley). Rodríguez-Almeida (1984, p.236-7) ressaltava que a expressão *oleum recensere* ("controle da produção de azeite"), usada no famoso monumento, de época anotonina, dedicado a Sex. Iulius Possessor, em Sevilha (CIL II, 1180), refere-se "exclusivamente às ânforas de azeite espanhol". Neste caso, o uso da expressão *oleum recensere* e a sigla epigráfica resultante R deveriam ser *anteriores* à referência epigráfica monumental. Sendo assim, é fácil entender que a sigla viesse sendo usada, por certo tempo, provavelmente desde as primeiras décadas do segundo século d.C., antes que um alto funcionário romano fosse encarregado do controle do azeite (*ad oleum Afrum*

et Hispanum recensendum, "ao controle do azeite africano e espanhol"). Remesal (1986, p.101-103) estudou em detalhe a carreira de Possessor e está claro que Iulius Possessor apenas poderia controlar o azeite africano e espanhol a partir de Roma, como um alto funcionário encarregado desta tarefa administrativa. Portanto, a *recensio* ou controle de Possessor não era exatamente a mesma daquela dos controladores quotidianos das ânforas na Bética e a palavra deve, assim, referir-se ao mesmo controle do azeite, porém em níveis administrativos diversos. O controle quotidiano deveria, necessariamente, ter precedido o controle de alto nível, político, em Roma. Isto explica o uso da sigla R em um contexto pré-antonino.

As três letras seguintes são, aparentemente, de fácil identificação, *acp*, interpretadas como *accepit* ("recebeu") (cf. CIL XV,2, 3954). Neste caso, deveria seguir-se um nome servil no nominativo, o *acceptor* e as letras à direita poderiam ser lidas como *Aucti(nus?)*, um nome encontrado em CIL XV,2, 3954 e 3955 (154 d.C.), não necessariamente a mesma pessoa. Entretanto, as letras à direita não estão claras e *acp* poderia aparecer sem nenhum nome próprio (como parece ser o caso em CIL XV,2, 4436). Outra interpretação poderia ser *xciii*, referindo-se ao peso do vaso em libras romanas (cf. CIL XV,2, 4023: *xxci*), já que a primeira letra poderia ser interpretada como um A ou como um X (há um *apex*, representando parte de um X?). Uma terceira possibilidade é que as letras representem *astig*, como em CIL XV,2, 3735 ou 4076 (Figura número 5). Entretanto, parece que *aug()* seja a melhor interpretação destas letras, pois a letra *g* é, agora, claramente visível graças ao escaneamento computadorizado da fotografia. Na última linha é possível ler apenas duas letras de maneira clara, *ma*, muito semelhantes a exemplares de época antonina (CIL XV,2, 3703; Figura número 5), precedidas de duas letras, talvez *do* ou, *lò*.

Conclusão

Os novos dados epigráficos de época anterior aos antoninos permitem-nos acrescentar alguns pontos ao nosso conhecimento das Dressel 20 e do comércio do azeite bético:

1. Foi possível identificar e datar um novo selo (PLFMAR);
2. A identificação de C. Sempronius Sempronianus acrescenta um novo nome de *mercator* à lista de comerciantes das ânforas Dressel 20);
3. O mais antigo uso da sigla R pode ser datado, agora, em período anterior aos antoninos.

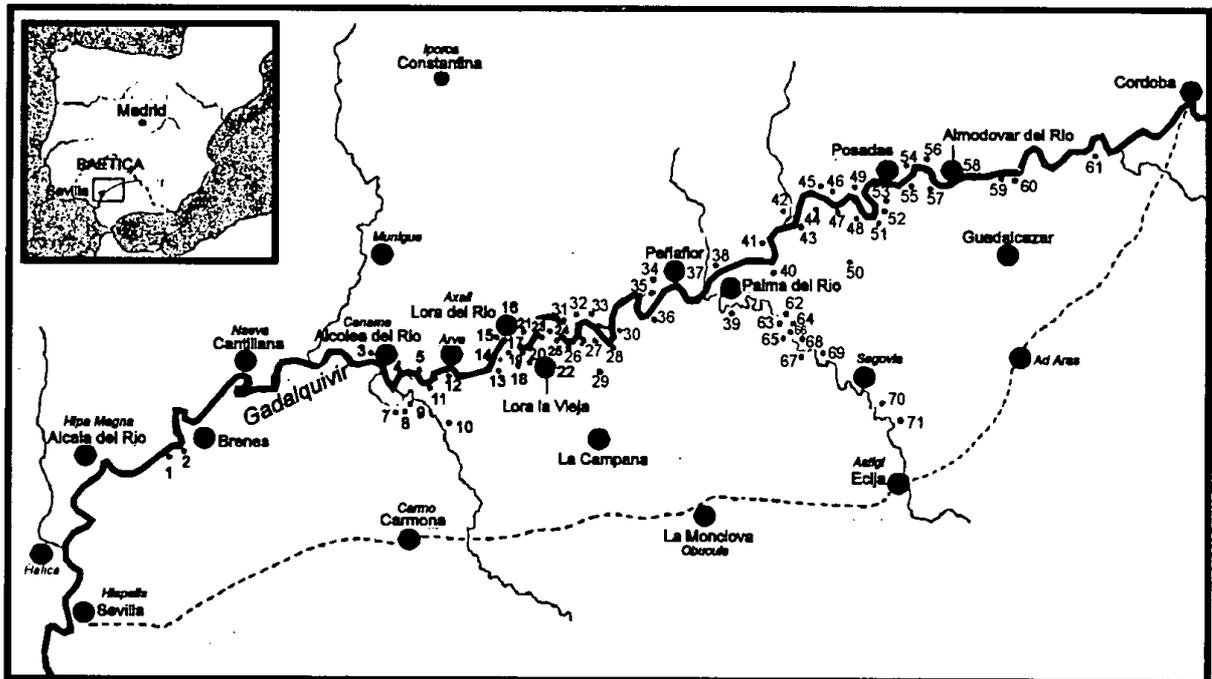


Figura nº 1

Centros de producción de ánforas (segundo M. Ponsich). 1. Cruz Verde; 2. Villar de Brenes; 3. Huertas de Alcolea; 4. Alcolea del Río; 5. El Tejillo; 6. Arva; 7. Guadajoz; 8. Adelfa; 9. Juan Barba; 10. El Tesero; 12. Tostoneras; 13. Azamaque-Castillejo; 14. El Judío; 15. La Estacada de Herrera; 16. Lora del Río; 17. Alamo Alto; 18. Cortijo de Mochales; 19. La Catria; 20. Catria Alta; 21. Huertas del Río; 22. Lora la Vieja; 23. Cortijo del Guerra; 24. Haza del Olivio; 25. Manuel Nieto; 26. El Acebuchal; 27. La Ramblilla; 28. Madre Vieja I e II; 29. El Marchante; 30. Las Sesenta; 31. La Mayena; 32. La María; 33. El Berro; 34. El Tesero; 35. La Botica; 36. Calonje Bajo; 37. Peñafior; 38. Huertas de Belém; 39. Casas de Picón; 40. Cortijo de Romero; 41. Isla de la Jurada; 42. Cerro de los Vuelos; 43. Villacisneros; 44. Casa del Encinarejo; 45. La Umbría de Moratalla; 46. Casa del Guarda; 47. La Correjidora; 48. Soto del Rey; 49. Haza de los Laticos; 50. Cortijo del Bramadero; 51. Barrancodel Picacho; 52. La Dehesilla; 53. La Dehesilla; 54. Dehesa de Arriba; 55. Mingoabez; 56. Guadiato; 57. Villaseca; 58. Almodóvar; 59. El Temple; 60. El Temple (Este); 61. Cortijo de la Reina; 62. Malpica Sur; 63. Tierras del Judío; 64. Malpica; 65. Cortijo del Judío; 66. Cortijo de Villalata; 67. Tarancón; 68. Las Valbuernas; 69. Isla Grande; 70. Alcotrista; 71. Las Delicias.

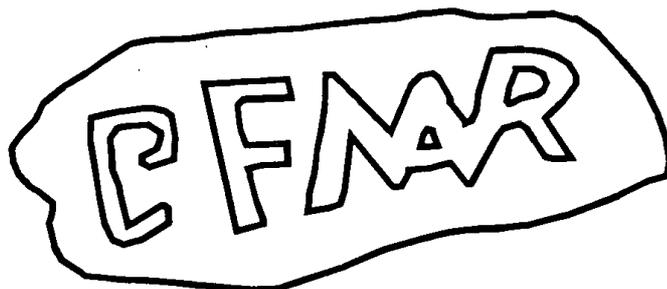


Figura nº 2



Figura nº 3

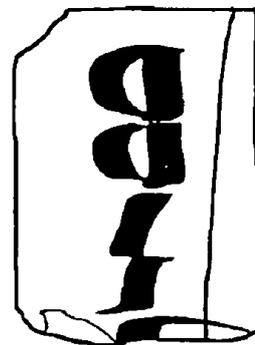
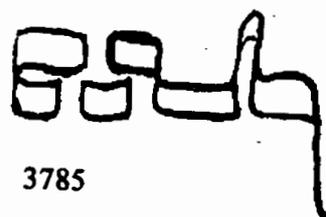
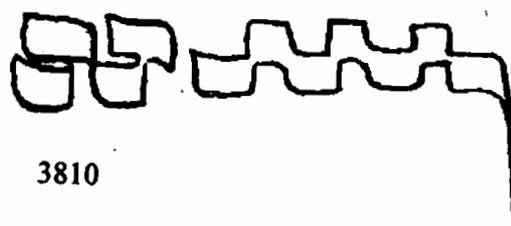


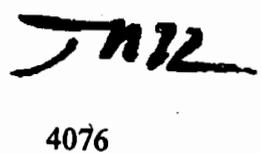
Figura nº 4



3785



3810



4076



3735



3954



3755



3762



3763



3763



3922



4052



4352



4466



3703

Figura nº 5

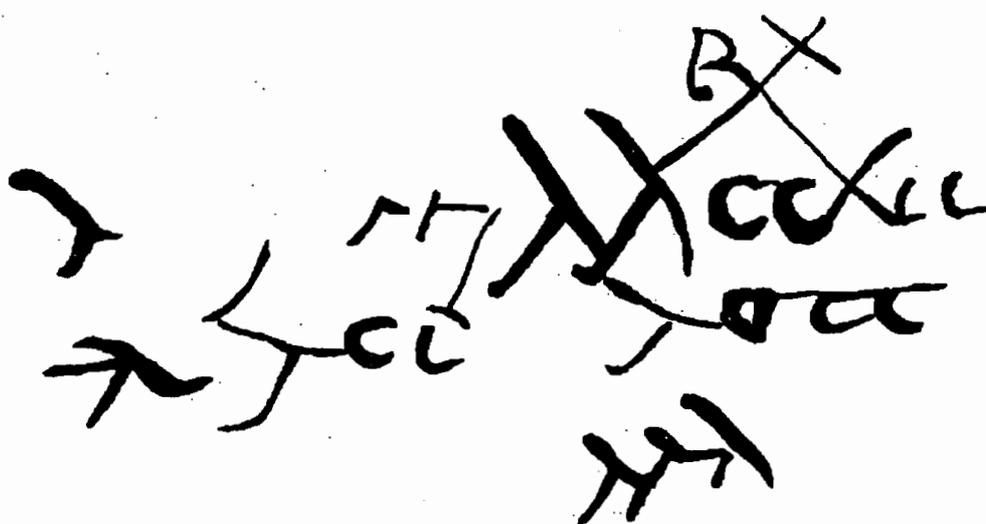
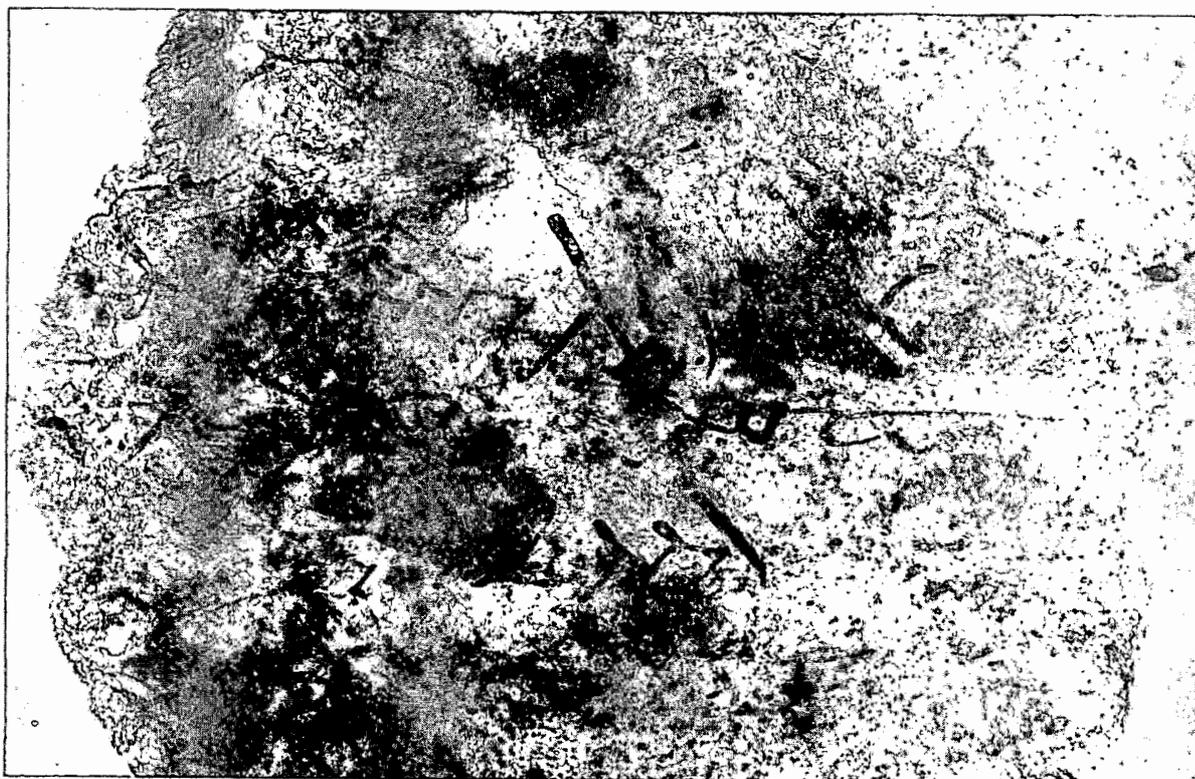


Figura nº 6

Referencias Bibliográficas

- BOWMAN, A.K. & THOMAS, J.D. *Vindolanda: the Latin writing tablets*. London: Britannia Monograph series n.4, 1983.
- BIRLEY, E, BIRLEY, R. & BIRLEY, A. *Vindolanda. The early wooden forts. Reports on the auxiliaries, the writing tablets, inscriptions, brands and graffiti*. Bardon Mill: Vindolanda Trust, 1993.
- DRESSEL, H. *Saggi sull'Instrumentum romanum*. Perugia: Eucoop, 1978.
- FUNARI, P.P.A. Dressel 20 amphora inscriptions found at Vindolanda: the reading of the unpublished evidence. In: V.A. Maxfield & M.J. Dobson (eds), *Roman Frontier Studies 1989*. Exeter: University of Exeter Press, 1991, p. 65-72.
- PEACOCK, D.P.S. & WILLIAMS, D.F. *Amphorae and the Roman economy. An introductory guide*. London: Longman, 1986.
- REMESAL, J. *La annona militaris y la exportación del aceite bético a Germania*. Madri: Editorial de la Universidad Complutense de Madrid, 1986.
- RODRIGUEZ-ALMEIDA, E. Novedades de epigrafía anforaria del Monte Testaccio. In: -. *Recherches sur les amphores romaines*. Rome: École Française de Rome, 1972. p. 107-211.
- RODRIGUEZ-ALMEIDA, E. *Il Monte Testaccio*. Rome: Quasar, 1984.

Agradecimentos

Agradeço, em especial, a Robin Birley e ao *Vindolanda Archaeological Trust* pelo acesso ao material epigráfico inédito e ao Professor José Remesal e Piero Berni Millet por seus comentários e ajuda na análise computadorizada das fotografias. Agradeço, ainda, aos seguintes amigos e colegas que me forneceram textos, inclusive inéditos, trocaram idéias e ajudaram de diversas maneiras: César Carreras e Emilio Rodríguez-Almeida. As idéias expostas são de responsabilidade exclusiva do autor.

FUNARI, P.P.A. Unpublished Spanish Inscription from Vindolanda. *Classica*, São Paulo, 5/6, 153-162, 1992/1993.

ABSTRACT: This paper deals with three Latin inscriptions found in the recent excavations at Vindolanda (Hadrian's Wall, Britain). The three inscriptions on Dressel 20 Spanish olive oil amphorae include a stamp and two *tituli picti*. Each inscription is studied in detail and the paper concludes with the main new data these *tituli* provide the scholars.

KEY-WORDS: Latin epigraphy, Roman amphorae, Principate.
